

cadernos da
biblioteca
de vila real

6

NA DEFESA DA REPÚBLICA :
A PARTICIPAÇÃO DE VILA REAL
NO MOVIMENTO
DE 3 A 7 DE FEVEREIRO DE 1927
— DOCUMENTAÇÃO SECRETA

NA DEFESA DA REPÚBLICA :
A PARTICIPAÇÃO DE VILA REAL
NO MOVIMENTO
DE 3 A 7 DE FEVEREIRO DE 1927
– DOCUMENTAÇÃO SECRETA

NA DEFESA DA REPÚBLICA: A PARTICIPAÇÃO DE VILA REAL NO MOVIMENTO DE 3 A 7 DE FEVEREIRO DE 1927 DOCUMENTAÇÃO SECRETA

«Podem-se distinguir, quase de forma empírica, duas fases distintas na acção reviralhista. Uma, coincidente com o longo processo de definição “interna” da ditadura, é a das revoltas que, melhor ou pior — sempre pior, a partir de Fevereiro de 1927, à excepção do caso especial da Madeira —, conseguem sair à rua e traduzir-se em efectivas operações e combates militares. Dura até à “revolução” de 27 de Agosto de 1931. É o período de existência e influência preponderante da Liga de Paris, no exílio, e em que os reviralhistas conseguem manter uma organização conspirativa — um “comité militar” diversamente constituído e uma rede de ligações — no interior do País, que, efectivamente, conduz os contactos e os preparativos das revoltas.»¹

No contexto da apresentação dos diferentes conjuntos bibliográficos e documentais da Biblioteca Municipal de Vila Real, cabe-nos, a pedido do seu director, dar a conhecer o Fundo Documental Major Varão.²

Trata-se de um conjunto de documentos relacionados com o planeamento da intervenção do RI 13 na revolta de 3 a 7 de Fevereiro de 1927 — considerada a

primeira tentativa “consequente” de derube da Ditadura Militar que se sucedeu ao golpe de 28 de Maio de 1926 —, e da sua articulação com as guarnições do Porto, Chaves, Bragança, Lamego, Amarante e Penafiel, bem como com as guarnições do Minho e da “linha do Mondego”, e, numa análise mais abrangente, com o movimento insurreccional que ficou genericamente conhecido por reviralhismo.

A revolta, organizada por influentes e prestigiados militares e democratas, é comandada pelo general Sousa Dias³, que por sua vez é apoiado por um comité revolucionário de que fazem parte, entre outros, Jaime Cortesão, Raul Proença, Jaime de Moraes, Sarmento Pimentel, João Pereira de Carvalho e o líder da Esquerda Democrática, José Domingues dos Santos.

¹ Fernando Rosas, *História de Portugal — O Estado Novo (1926-1974)*, direcção de José Mattoso, vol. 7, Lisboa, 1994, p. 213.

² Transcreve-se parte do texto que acompanha o registo do fundo: «Conjunto de documentos encontrado num maço durante as obras realizadas na antiga sede da Região de Turismo da Serra do Marão, Avenida Carvalho Araújo e Rua António de Azevedo, em Abril de 2013. — Inclui 49 documentos datados de 1926-1927 [sic; existe um documento de 1912, com anotações da época referida], directamente relacionados com a revolta do Porto de Fevereiro de 1927.»
Registo: 94439.

³ Adalberto Gastão de Sousa Dias (1865-1934), militar, político republicano e comandante das forças do movimento.

E, tão importante como o comité militar central e/ou o comité revolucionário, é uma «rede de ligações no interior do país»⁴ responsável pela condução dos «contactos e preparativos da revolta», da máxima confiança, de que é exemplo o major António Fernandes Varão (Salvaterra do Extremo, Idanha-a-Nova, 1874 — Vila Real, 1956), um militar republicano que se opusera ao 28 de Maio, o rosto do “revirvalho” em Vila Real e o principal protagonista de “A acção do R. I. 13 no movimento constitucional⁵ republicano, de 3 de Fevereiro de 1927”.⁶

⁴ «[...] a esquerda republicana mantinha praticamente intacta a sua vasta rede de influências no Exército, na Marinha, na GNR, na PSP, na Guarda Fiscal, tanto ao nível de oficiais superiores como dos quadros intermédios ou dos sargentos.» (Fernando Rosas, *op. cit.*, p. 214)

⁵ O movimento visava repor o regime constitucional de 1911.

⁶ Uma das razões, na nossa opinião a principal, por que o major Varão não rasgou — como era habitual em correspondência ultra reservada ou secreta e lhe fora sugerido por Filipe Mendes, um dos chefes do movimento, em carta de 18 de Janeiro de 1927 —, e escondeu nas águas furtadas do prédio que adquirira ao Banco Borges & Irmão (que o penhorara a Emídio José Ló Ferreira, visconde de Trevões, seu anterior proprietário), onde o maço de documentos foi encontrado, tem a ver com a circunstância de ter em preparação um trabalho sobre o assunto cujo título antecipava — “A acção do R. I. 13 no movimento constitucional republicano, de 3 de Fevereiro de 1927” —, na página 2 do seu livro *Investidas Alemãs ao Sul de Angola (Subsídios para a História)*, Lisboa, 1934.

O movimento, no entanto, fracassou. O ministro da Guerra, Passos e Sousa⁷, bombardeou ininterruptamente e cercou as forças revolucionárias. Estas, «sem comida, artilharia e munições, rendem-se incondicionalmente».

A história da participação do RI 13 foi objecto de uma comunicação de Nuno Botelho no Museu de Vila Real, no âmbito do Ciclo ‘História ao Café’, em 1999, que recordamos, transcrevendo o que consideramos essencial:

«[...] A primeira revolta importante contra a Ditadura e a favor da reposição do regime constitucional de 1911 eclodiu no Porto, no dia 3 de Fevereiro de 1927, e prolongou-se nesta cidade até 7 do mesmo mês. Era então Presidente da República, interinamente, e Presidente do Conselho, o General António Óscar de Fragoso Carmona. Foi um pouco o choque entre as duas vontades: a de “regenerar” a República, apregoada pelos vencedores do 28 de Maio, e a de “restaurar” a República, perfilhada pelos seus opositores. Comandou-a o General Sousa Dias, um flaviense. Combateu-se rijamente de lado a lado, mas a 7 de Fevereiro, os revoltosos, desapoitados de outros focos de insurreição previstos, sobretudo Lisboa (que só a 7 de Fevereiro iniciou uma revolta que

⁷ Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa (1881-1966), militar, um dos artífices da implantação da Ditadura Militar e, na qualidade de ministro da Guerra, comandante das tropas que se opuseram ao movimento.

durou três dias), cercados de tropas leais ao governo e depauperados de munições e mantimentos, aceitam a rendição incondicional. O balanço final foi sangrento: 80 mortos e 360 feridos.

A revolta do Porto ficou a dever-se sobretudo a um grupo de oficiais e sargentos, descontentes com a situação criada pelo 28 de Maio. Foi, no dizer do historiador Fernando Rosas, uma revolta “romântica”, no sentido de que era inspirada por ideais e conduzida por homens que, sendo militares no activo, tinham tudo a perder em caso de derrota.

Declarada a rebelião, forças da GNR e do Exército de diversas praças nortenhas confluíram para o Porto em seu apoio. Entre estas, conta-se uma força militar do Regimento de Infantaria 13, sediado em Vila Real, comandada pelo Major António Fernandes Varão, comandante militar da cidade, influente figura de republicano que se tinha oposto ao movimento do 28 de Maio e, em consequência disso, tinha sido detido e colocado com homenagem na praça militar de Valença.

As tropas de Vila Real seguiram de comboio para a Régua, e daí para o Porto, onde assaltaram o quartel de Infantaria 18 para o fazer aderir à insurreição. Tentaram depois fazer outro tanto com o poderoso Regimento de Artilharia da Serra do Pilar, mas desistiram. Como as coisas não corressem conforme previsto, o destacamento é obrigado a retirar de novo para a Régua, entretanto ocupada por tropas leais à Ditadura, comandadas pelo Tenente-Coronel António Lopes Mateus. Não

conseguindo romper as posições destas, o Major Varão fez menção de tornar para o Porto, mas a resistência encontrada em Penafiel (onde inclusivamente os carris da via férrea tinham sido levantados), retrocedeu à Livração e inflectiu para Amarante, onde se entrenchou e resistiu enquanto lhe foi possível, acabando por se render.

No rescaldo da gorada insurreição, são feitos prisioneiros diversos oficiais e sargentos e ainda alguns civis que se haviam juntado às forças do Major Varão. Entre estes, o Sr. Manuel Lima. Alguns são imediatamente deportados. No dia 21 de Fevereiro de 1927, parte para as colónias africanas e Açores uma leva de mais de 700 implicados, sem julgamento. Entre eles, um número significativo de militares que acompanharam o Major Varão. Este segue com destino à Guiné, outros para Angola, São Tomé e Príncipe e Açores. Em Angola, o Club Transmontano dispensa apoio aos conterrâneos deportados, nomeadamente possibilitando informação às suas famílias no continente.

Em 8 de Março de 1927 (apenas cerca de um mês volvido sobre os acontecimentos) é dissolvido o Regimento de Infantaria 13, em retaliação pelo seu envolvimento na revolta, bem como as corporações das forças policiais e da GNR sediadas em Vila Real. [...]»⁸

⁸ Elísio Amaral Neves e A. M. Pires Cabral, “A participação de Vila Real na Revolta de 3 a 7 de Fevereiro de 1927”, in *Vila Real — História ao Café*, 2.ª Edição, revista, Vila Real, 2013, pp. 73-

Essencial não é sinónimo de definitivo.

A história refaz-se (mas não necessariamente) à medida que vamos conhecendo novos documentos. A documentação agora descoberta — nomeadamente a correspondência dirigida ao major Varão pelos chefes da revolta António Resende⁹, Agatão Lança¹⁰, Filipe Mendes¹¹ e Jaime de Morais¹² —, consentem, no mínimo, aprofundar o conhecimento que temos do movimento «o primeiro, e o único, a constituir uma verdadeira ameaça para a ditadura».¹³

Terminamos, transcrevendo o mais significativo de duas cartas, já que as legendas das imagens publicadas neste caderno permitem ter uma ideia de como são importantes os documentos encontra-

dos, independentemente da sua natureza.

A primeira, sem data, mas muito provavelmente de Novembro de 1926, é uma carta cifrada de António Resende dirigida a António Fernandes Varão.

«[...] Informação recebida dando assente frente única para combate seguindo-se ministério sem carácter partidário.

Peço pois para terminar quanto antes ligações porque até ao fim do mês corrente temos de sair visto que monárquicos estão tentando restaurar princípios Dezembro.

É conveniente deixar camarada confiança entregue ligações para caso urgente saída movimento durante sua estada Lisboa devendo entender-se comigo. Irei segunda-feira procurar V. Ex.^a Campanhã rápido de tarde.»

82339 [sic; António Resende]

A segunda, que transcrevemos na íntegra, está datada de 15 de Janeiro [de 1927], é uma carta [de Jaime de Morais] dirigida a António Fernandes Varão com as últimas instruções do comité central do movimento.

«15 de Janeiro

Meu caro amigo

Respondo à sua carta.

Continuo a manter as instruções dadas — as unidades da antiga 6^a, reforçadas com inf. 9 (e G.N.R. de Lamego), formam um grupo que distintamente se organiza e actua pela forma que lhe fôr indicada pelo C. M. C.

76. [Comunicação de Nuno Botelho, 9 de Fevereiro de 1999]

⁹ António Resende (1873-1962), advogado, político republicano e um dos revolucionários mais fortemente implicados no movimento.

Na nossa opinião, o elemento de ligação do major Varão ao comité revolucionário do norte.

¹⁰ Armando Pereira de Castro Agatão Lança (1894-1965), oficial da Marinha e político republicano que secundou, juntamente com o coronel José Mendes dos Reis, o almirante Luís da Câmara Leme, líder militar do movimento em Lisboa.

¹¹ Filipe Mendes (1889-1966), advogado, político republicano e um dos chefes do movimento em Lisboa.

Na nossa opinião, o elemento de ligação do major Varão ao comité militar central.

¹² Jaime Alberto de Castro de Morais (1882-1973), médico, oficial da Marinha, político republicano e chefe militar do comité revolucionário do norte.

¹³ Fernando Rosas, *op. cit.*, p. 214.

Claro está que mantém com o Porto todas as ligações, pois em mil hipóteses com essa guarnição, bem como com as do Minho, terá que agir.

Mas, repito, há muitas possibilidades de ter que intervir rapidamente na linha do Mondego, cooperando com as unidades das antigas 2ª e 5ª.

E não se esqueça Trás-os-Montes que a guarnição do Porto sofre duas fortes influências — uma nossa, a do anjo bom, outra de um conluio governamental-Lealista, que pode dificultar aí imenso a nossa acção.

Assim, repito: os nossos amigos, formando o comité que melhor entenderem, põem-se imediatamente em contacto, além de com as guarn. de Vila Real, Chaves e Bragança, com as guarnições de Amarante e Lamego (e se mesmo julgarem útil uma ligação com Penafiel, isso não será mau de todo).

O nosso objectivo é concentrar, o máximo 12 horas depois da hora H, um destacamento misto na Régua, dispondo de todos os camions da região vinhateira, que mobilizam logo, composto de 1 divisão pelo menos de art. (no caso de não haver munições no Grupo de Mont. 3, que venham as peças, pois municiam-se em Viseu, Coimbra, Figueira ou Porto — nós tratamos disso logo) um forte pelotão de cav. (todos os cavalos de cav. 6, seja em Chaves seja em Bragança e ainda os cavalos que a Guarda aí tenha — se necessário transformar esse pelotão num pequeno esquadrão; 6 pequenas companhias de inf., assim organizadas: uma com todo

o pessoal do 9 (Lamego); 1 com todo o pessoal do 10 (Bragança); 1 com todo o pessoal do 13 (V.R.); 2 com o efectivo de caç. 3 (Chaves); uma com os elementos dispersos, mas rapidamente reunidos, das companhias da G.N.R. de Vila Real, Chaves e Lamego.

Um total, aí, de 2 peças, 30/40 cavalos, 500 infantes, com as metralhadoras ligeiras das diversas unidades (a propósito — vejo que o 13 tem poucas munições de met. lig. — em Chaves há bastantes; e em Bragança, também? — caso não as tenham precisam de algumas? Diga precisamente o calibre).

Nas sédes do 10, 13 e 9 fica um pequeno núcleo, com 1 of. da mais inteira confiança, a fim de mobilizar o que possível fôr, até ao limite do número das praças de inf. que marcharam no total sobre a Régua; mas esta mobilização nada tem com o deslocamento imediato dessas unidades sobre a Régua.

Todo o cuidado imediato na organização dos comboios nas linhas do Douro (Tua e Livração), Corgo (Chaves e Vila Real), C. Nacional (Bragª).

Eu sei bem a falta que aí lhes farão os tens. Madeira e Alberto Maria; diga-lhes, porém, que sentimos a sua grande falta aqui, resp. no 1 e em caç. 5. Em caso, porém, de extrema conveniência ficarão aí.

Peço para transmitir tudo isto ao Pires Falcão, combinando com ele toda a acção.

Informações de carácter ultra reservado só para si e P. F.: tudo devem preparar para a hipótese do dia D ser daqui a 8 dias.

E assim peço uma informação defe-

nitiva e decisiva sobre todo o serviço de que incumbimos os nossos bons amigos da antiga 6^a.

Não perca de vista o problema de Lamego, pois Lamego fica no caminho de Viseu.

Seguem as cifras combinadas com os meus amigos, ficando a seu cargo transmiti-las já para as diversas guarnições do sector e especialmente ao P.F.

+ X... Vila Real Maria Helena está melhor significa — movimento marcado para dia depois de amanhã tarde. Logo recebido este telegrama V. envia logo a Lisboa um delegado da 6^a para receber instruções e indicação exacta para hora precisa e instruções para a acção daí.

Para a hipótese de uma saída rápida aqui e que não tenhamos possibilidade de lhe darmos a prevenção anterior, segue o seguinte telegrama:

X... Vila Real Maria Helena parte hoje tantas tarde ou amanhã tantas tarde ou manhã

Ambos os telegramas vão assinados “Alda”.

Este último tel. diz o dia e hora certa do movimento.

O meu caro amigo, na volta do correio, diz-me a direcção que devo usar para a remessa destes telegramas.

Mas quando recebam o telegrama n^o 1 (Maria Helena está melhor) não se esqueça de enviar logo um portador a Lisboa que procura o Sr. Manuel Duarte, que encontra, ou na Rua Alexandre Herculano n^o 17, R/C D., sua casa — ou Rua do Ouro, 184, 1^o — escritório —.

Acaba de me ser entregue uma carta que o Madeira mandou ao Cor. Almeida Santos; não compreendo o que ele diz — que não está ligado. Certamente isso justifica-se pela saída do P.F. e de não saber ainda das instruções recebidas. Peço-lhe que o informe.

E agora, meu caro amigo: chegou o momento de darmos tudo quanto humanamente seja possível. Se a guarnição transmontana nos acompanhar, nós estamos certos do triunfo. Mãos à obra e acção rápida — 8 dias.

Escreva e informe-me.

Um abraço para todos os nossos camaradas e para si um muito grande do seu velho companheiro de Chaves.

O antigo hóspede do Hotel Comércio de Chaves, que se sentava numa mesa pegada á sua, com o nosso General P.L. e o pobre Júlio Martins e M. Mal.

P.S. Houve um equívoco no 1^o telegrama:

A cifra Maria Helena está melhor — significa que o movimento está marcado, não para depois de amanhã, mas **para depois de depois de amanhã**.

Exemplo Telégrafo em 20 — o dia D é o dia 23.

Logo receba este telegrama o meu amigo avisa uma só pessoa, da mais inteira confiança, dos comités de Chaves, Lame-

go, Amarante e Bragança — o seu pres. por ex., a quem pede que prepare tudo mas guarde a mais absoluta reserva.

V. combina depois com eles as cifras para indicar exactamente qual o dia D e a hora H. Compreendido?

Se houver aí TSF avise, para dela nos servirmos também.

[Jaime de Moraes]

+ Esta cruz quer dizer que a parte aonde ela foi colocada no verso d'esta, não se dará porque irá um próprio. Só ficará portanto de pé o segundo telegrama aqui referido e do primeiro fica excluída a hipótese da vinda de delegado.

Filipe Mendes»

Carta aberta de José Domingues dos Santos ao presidente do ministério, General Carmona, a quem acusa de trair a República.

CARTA ABERTA

ao
Ex.^{mo} Snr. General Carmona

Eu pertença ao numero das pessoas que nunca acreditaram na sua boa-fé. A apreçoada lealdade com que V. Ex.^a pretende descalpar a sua insinceridade moral para a gestão dos negócios publicos, nunca en a acreditei.

Vio trair a sua missão quando, encarregado pela Republica de acurar os seus conspueitros de hoje e trau de odio militar então, escondia as provas de acusação para melhor salientar os argumentos da delecta.

Vio depois trair os Snrs. Comandante Cabeçadas e General Concha da Costa a quem antes havia jurado lealdade com o mesmo sorriso amolado e selvaco com que hoje jura defender a Republica que nunca amou e sempre foi mal serviu.

Vio ainda trair a propria Republica, colocando a seu lado, no governo, ministros conhecidos como os Snrs. Sines de Gontes e João Belo.

E vejo-o agora realizando mansamente, rotamente, essa obra de traição, organizando fortes columnas mistas comandadas por officiaes moarques, pondo á frente dos fogares de direcção os mais rancorosos reacconarios e iniciando a caça aos republicanos mais instantigentes e mais corajados, que ás contendas são depositados para os Açores e para a Guiné.

Estes factos eu os recordo para afirmar que se algum teve dúvidas sobre o caracter de V. Ex.^a eu nunca as tive, nem as tenho.

Venho, desde a primeira hora, estreitando o seu caminho de traição. O cetro que desde longe, V. Ex.^a e o seu governo vem fazendo a todas as posições de defesa da Republica, eu o presento claramente. Se não o desfilo ainda, é porque encontro os republicanos demasiadamente credulos na decantada lealdade de V. Ex.^a Mas affirmé, desde os primeiros momentos do seu governo, em toda a parte onde me foi licito falar, que estavam em presença de um governo de traição.

As perseguições com que o seu governo contra calar os homens da Esquerda Democratica, nem nos escondiam, nem nos estorbam.

Já estamos habituados a solver pelo Ideal que amamos. Conhecemos todo o calvario de dores e sofrimentos que os beghanos dos tiranos costumam infligir aos defensores da Liberdade.

E, sem uma hesitação, continuaremos a lutar, indiferentes ás ameaças, tão serenos na victoria, como confiantes na desgraça, amando acima de tudo a Republica e a Liberdade, contentes até em dirmos por elas a nossa vida.

Como Leopardi nós poderemos tambem gritar: *Il mio frangere in questo mare m'è dolce!*

Mas porque desejo servir e defender eficazmente a Republica—que V. Ex.^a está atrocamente a Libertade—que V. Ex.^a tãoopenente esmagou, —é que eu resolvi substituir-me á cabeça dos seus esbirros.

Não me escondi para descançar. Refugi-me em lugar seguro para melhor o combater.

Eu serei desde hoje o seu acusador e o seu capote. Emocionar-me-ha em todas as praças publicas para lhe gritar a sua traição. Vire-me-ha em rodas as barricadas chamando á revolta todos os soldados da Democracia e burlando-me a seu lado até vencer ou morrer.

Nós somos assim Batemo-nos sempre a peito descoberto.

Defestamos o ataque de encruzilhada e sentimos um invencível despezo por todos os villosos que nunca tiveram a coragem de uma attitude leal e desasombrada.

É por isso que eu aprecio mais V. Ex.^a desde que, deladado abaixo a mascara de pessoa incolorada, entrou decididamente no caminho das perseguições. A primeira parte da sua odiosa ditadura, com o seu aspecto pegajoso e sorna, causava-me asco.

Agora, ao menos, já tenho um inimigo á vista. Preparemo-nos para o combate. Defenda-se que eu me defenderé.

José Domingues dos Santos.

Folhas volantes contra a Ditadura e alguns dos seus ministros.

Povo:

A ditadura é a servidão; é o esmagamento de todas as liberdades que vos deram e que tanto sangue custaram. Com a ditadura não podereis pensar, escrever, nem realizar os vossos desejos senão como os despotas quizerem.

Estareis arriscados a todas as violencias, correndo perigo os vossos haveres e as vossas familias.

Povo:

Faz sentir a tua voz e ergue-te contra os tiranos!

JAIME AFREIXO, ladrão contumaz, como Ministro da Marinha tem recebido dezenas de contos de luvras, com os fornecimentos de carvão para a armada, feitos *sem concurso* e por intermedio de um negociante, seu cunhado, que instalou no seu proprio gabinete!

POVO:

ABRE OS OLHOS!

A DICTADURA É A RUINA DA NAÇÃO E A PERDA DA REPUBLICA!

PASSOS E SOUSA: Ministro do Comercio, tenta fechar «o negocio» dos Caminhos de Ferro do Estado! Sem pudor, e na mira de encher as algebras, tenta comprar todas as consciencias!

Porque será que quiz calar o jornal «A TARDE», oferecendo ao seu director um lugar de representante do governo junto de certa empresa?

POVO:

CORRE COM OS LADRÕES!

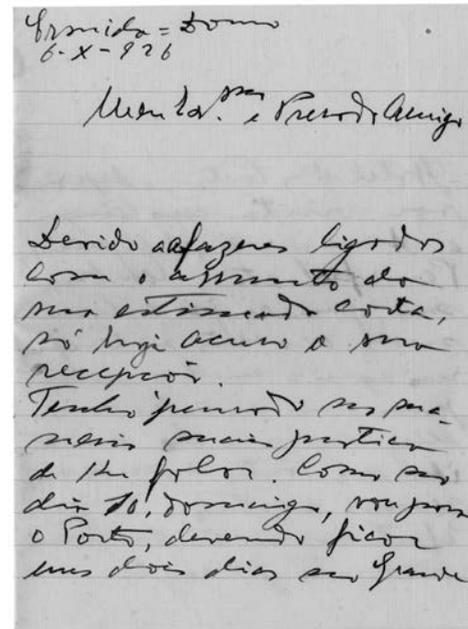
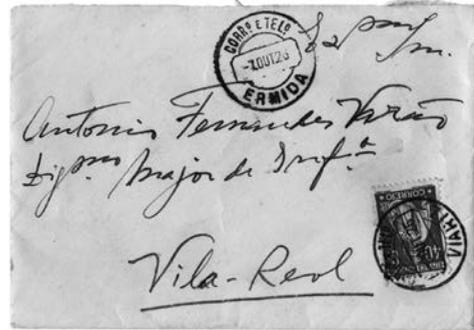
Carta de Álvaro de Castro à Comissão Promotora da da Sessão Comemorativa do 5 de Outubro, em Coimbra, onde expressa esperança no futuro da República, «redimida e dignificada», e protesta contra a alteração da ordem constitucional.

Celorigo de Basto, 3 de Outubro de 1926



Carta de Armando Agatão Lança dirigida a António Fernandes Varão, a combinar um encontro.

Ermesinde - Douro, 6 de Outubro de 1926



Carta de Armando Agatão Lança dirigida a António Fernandes Varão, pedindo-lhe um novo encontro «com urgência».

Penafiel, 17 de Outubro de 1926

Penafiel 17-X-1926
Meu querido amigo

Será que tu não podes vir. Na 5ª feira estei em Porto, no hotel do Controssine, pelo almoço até à noite. Preciso muito de lhe falar. Espera o 5ª feira, pois regresso a Lisboa, em segunda, e preciso falar-lhe antes e com urgência. Com os melhores abraços
Armando Agatão Lança

Carta de Álvaro de Castro de protesto e repúdio contra atitudes que considera traírem a República.

Hospital Militar do Porto, 25 de Outubro de 1926

É omissão o presente esta necessidade e calma, sentido já ser a fillosa da enorme jugo de amada, os pontos gritar com entusiasmo no ver: Viva a República! Preparar-nos, pois, para honrar a memória dos heróis e dos mártires de 3 de Outubro que nos guiam e inspiram.

(De uma sessão no Colégio de São João e no Senado e Conselho de Portugal em 3 de Outubro em Coimbra)

A caminho do Forte da Graça, limitada a minha acção por uma pernalta doença, o meu espírito e o meu coração não saíram do desalinho. Bem ao contrário. Frente a frente com os factos que denunciam a tração à República e à Pátria, sinto decuplicar as minhas energias e erguer-se a minha fé a alturas infinitas.

A República, a República de princípios e ideias, regada com o sangue generoso de tantos mártires, e não a dos falsos rapazes que agora no poder macaqueiam de estadistas, está prestes a revelar-se na límpida harmonia das suas formas de encanto e de graça.

Os obreiros do resgate urgente, braços típicos da consciência nacional ofendida, trabalham com denuedo.

Elevemo-nos à altura dos sacrifícios que a deusa da República de nós exige. Republicanos! retemperai os vossos corações no vosso infinito amor Pátria! A hora da luta está próxima, apreciad as vossas armas no simultâneo fulgor da vossa esperança e da vossa fé!

As armas, cidadãos!

O Exército republicano, sereno e firme, cujo forte coração eu sinto pulsar entre estas quatro paredes, pelos gestos de solidariedade que até aqui vêm, vos acompanhará, desbravada ao vento da Liberdade a bandeira século-outra que o inclina e conduz. O Exército republicano repudia a obra de espionagem e de famigerado Serviço de ligações, onde camaradas espertam camaradas com a sanha, com a ferocidade dos infames familiares do Santo Ofício.

O Exército republicano aborrece e despreza os tiranetes de opereta que, alcançando-se nas cadeiras do poder, tomadas de assalto, cobrem a sua incompetência, a inorrididade da sua administração com as severidades estupidas duma censura de alfabetos impotentes.

O Exército republicano, herdeiro das tradições gloriosas do exército português, não quiere servir de guarda pretoriana dos miséros que se arvoram em mandantes para expolporem a Nação dos seus imprescriptivos direitos, airmados numa longa e dolorosa história de lutas tremendas e sacrifícios inesarráveis. O Exército republicano não quiere assistir quieto e callado, de arma em continência, à entrega da República manietada e atraçoada.

Povo Republicano, alerta!

Prepara-se, na sombra, a tração cootra a República.

Num alimção em Sintra, há pouco tempo, a que assistiram ministro do actual ministério, acompanhando o presidente Carnoua, coconvencionou-se restabelecer a monarquia!

A tração está em marcha e o ministério de monarquicos prepara-se para assassinar a República na encruzilhada a que a conduzirá.

Pela República, vencer ou morrer!

Viva a República!

Hospital Militar do Porto, 25 de Outubro de 1926.

Álvaro de Castro.

Cartão de Álvaro de Castro dirigido a António Fernandes Varão, agradecendo a visita que lhe fez enquanto esteve hospitalizado.

ALVARO DE CASTRO, *cuja*
nota - agradeço ao
seu & agradeço a um
mitte ao Huj. Top

Cartão de Domingos José de Carvalho Araújo dirigido a António Fernandes Varão, manifestando-lhe «a mais completa solidariedade». (Nessa altura, o poder político hesitou em nomear António Fernandes Varão como chefe do Distrito de Recrutamento 13, e chamou-o ao Ministério dos Negócios Estrangeiros para esclarecer factos passados em África, aquando da guerra com os alemães.)
 20 de Outubro de 1926

20/10/1926
 Domingos José de Carvalho Araújo
 DEPUTADO DA NAÇÃO
apresento a mais completa
solidariedade, assegurando
de. Uhe a mais completa
solidariedade.
 VILA REAL

Proclamação de Álvaro de Castro ao Povo Republicano «contra os inimigos da República e da Pátria».
 Forte de Elvas, 30 de Outubro de 1926

Povo Republicano

Não é preciso bradar— a pé mártires da República— porque a amargura de agora decuplicará a energia dos que, fortes no seu ideal generoso e humano, dedicadamente procuram para a sua Pátria, a dignidade dum regime livre, em que todos sejam cidadãos, assente sobre a vontade colectiva, manifestada de uma forma clara e insofismável.

(Da carta escrita de Celorico de Basto em 3 de Outubro e lida em sessão de Festas de 3 de Outubro de Coimbra).

Preso e torturado por um castigo injusto e imoral, aplicado por um Ministério sem autoridade moral nenhuma, a minha voz não se extinguirá e o meu animo não desfalecerá na defesa da República, apontando a traição, verberando o crime e marcando com o ferro em brasa da ignominia os traidores e os vendidos.

Apezar de doente, a minha voz mais alto se erguerá ainda para o alerta salvador a todos os republicanos de princípios e a todos os liberais de Portugal.

Alerta!
 Alerta, contra os inimigos da República e da Pátria!
 Os inimigos da República e da Pátria são os comensales do almoço de Sintra, os que em venérgas e conciliabulos obscuros e trágicos preparam a venda das linhas ferreas, a entrega dos tabacos, cuspidos com o seu escarneo e o seu cinismo a face augusta e imaculada da República.

A's armas, cidadãos!
 A República está em perigo, republicanos univos!
 A coberto da censura, que amordaçou a imprensa e a opinião em Portugal, prepara-se a traição à República que será seguida da traição à Pátria.

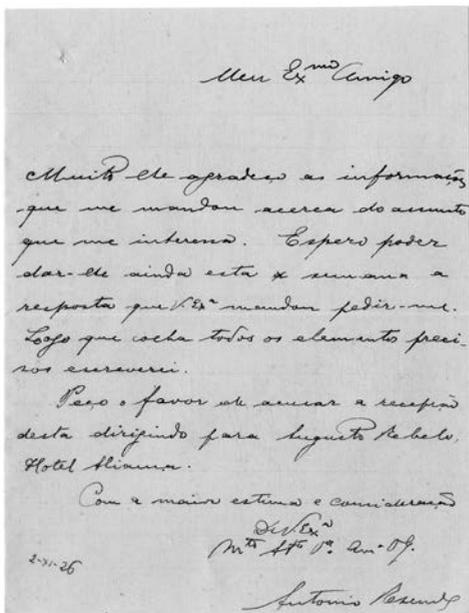
Os corvos crucitam!
 O ministério de monárquicos, sem princípios, prepara sinistramente a mortalha da República.

Forte de Elvas, 30 de Outubro de 1926.

ALVARO DE CASTRO.

Carta de António Resende dirigida a António Fernandes Varão, pedindo-lhe para, no futuro, dirigir a correspondência que lhe disser respeito para Augusto Rebelo, Hotel Aliança, Porto. (Em nossa opinião, trata-se de um nome de código de António Resende — não podendo no entanto descartar a hipótese de existir alguém com o nome de Augusto Rebelo envolvido no movimento —, como forma de desviar a atenção dos seus opositores políticos.)

2 de Novembro de 1926



Meu Ex^{mo} Amigo

Muito agradeço as informações que me mandam acerca do assunto que me interessa. Espero poder dar-lhe ainda esta semana a resposta que V.^{sa} mandam pedir-me. Logo que cocha todos os elementos precisos escreverei.

Pelo o favor de acausar a recepção desta dirigida para Augusto Rebelo, Hotel Aliança.

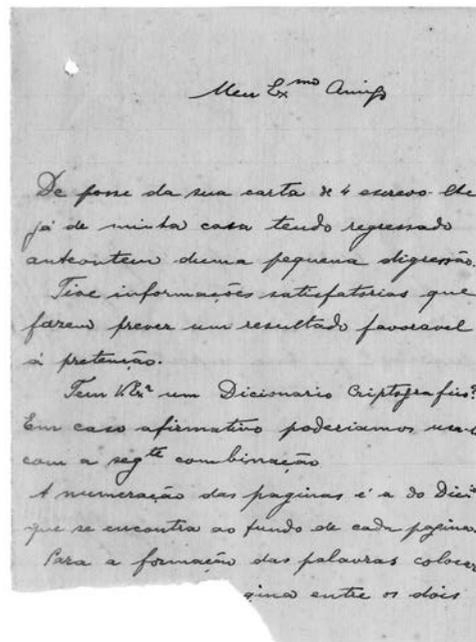
Com a maior estima e consideração

De Ex^{mo}
(M.^{te} H.^{te})^o An.^o 07.

António Resende

2-11-26

Carta de António Resende dirigida a António Fernandes Varão, sugerindo o uso do *Dicionário Criptográfico* e combinando a forma de cifrar a correspondência.



Meu Ex^{mo} Amigo

De pane da sua carta de 4 dias. Já fui de minha casa tendo regressado antecorreu de uma pequena digressão. Tive informações satisfatórias que fazem prever um resultado favorável à pretensão.

Tem V.^{sa} um Dicionário Criptográfico? Em caso afirmativo poderíamos usá-lo com a seguinte combinação

A numeração das páginas é a do Dic^o que se encontra ao fundo de cada página. Para a formação das palavras colocar as sílabas antes os dois

Carta de Filipe Mendes dirigida a António Fernandes Varão, em que refere ter enviado «uma longa carta do Dr. J. M. [Jaime de Morais, um dos chefes do movimento] com outra minha» de que foi portador o Dr. Sebastião Ribeiro.

19 de Janeiro de 1926 [sic; 1927]

Acabo de receber sua carta que me veio já para o Dr. J. M. Mas eu sei que dárei a resposta que ao senhor parece conveniente.

Foi mesmo quem me trouxe uma longa carta do Dr. J. M. com outras coisas de que se acusa na a respeito logo que a recebo pelo fôlego que lhe indiquei. Mas des-a por intermédio do Dr. Sebastião Ribeiro e como se

Carta de F. M. [Filipe Mendes] dirigida a António Fernandes Varão com o seguinte *post scriptum*: «Convém rasgar esta carta logo que não seja necessária.» Esta carta repete uma parte das orientações e instruções detalhadas de Jaime de Morais.

18 de Janeiro [de 1927]

18-1.

Meus caro Amigo

Junta repun instruções detalhadas do J. M. (Chef do movimento).

É possível, quasi certo, que em lugar de telegramas annuenciando data e hora do movimento, vá ali um proprio livro. E'is pessoalmente. Por isso preciso me machade dizer na volta do correio a carta registada a pessoa em nome de quem deves seguir telegramas e a morada e tambem o local ahi acude de noite ou de dia poderá o mesmo

P.S. Consta-me que se esta carta não for rasgada, não se poderá rasgar a mesma.

Na defesa da República: A participação de Vila Real no movimento de 3 a 7 de Fevereiro de 1927 — Documentação secreta,
investigação e texto de ELÍSIO AMARAL NEVES,
foi composto e impresso na Minerva Transmontana,
em Junho de 2016,
numa tiragem de 300 exemplares.

Depósito Legal: 411828/16



Biblioteca Municipal de Vila Real
Rua Madame Brouillard
5000-573 Vila Real
Telefone: 259 303 080
www.biblioteca.cm-vilareal.pt

